

Isaac Kerstenetzky: *in memoriam*

Mario Henrique Simonsen *

A morte de Isaac Kerstenetzky privou o Brasil de um dos seus mais probos e dedicados cientistas sociais. Ele era, antes de mais nada, um erudito, com extremo conhecimento dos economistas clássicos, de Adam Smith a Marx, de Keynes a Sraffa e Pasinetti, com extrema afinidade de idéias com a London School of Economics. Isso não o impedia de transitar em muitas outras áreas, e seu livro em co-autoria com Werner Baer em 1962, sobre a Conferência Internacional de Inflação então realizada no Rio de Janeiro, é um admirável resumo das idéias da época sobre estabilidade de preços e crescimento econômico. Por ser um preciosista, publicou poucos livros e artigos: recusava-se a escrever um artigo no qual não tivesse algo de novo a dizer. Os seus poucos escritos, muitos dos quais em parceria com Werner Baer, dão, no entanto, uma idéia do seu quilate teórico.

Obcecado pela mensuração econômica, Isaac Kerstenetzky sempre foi um mestre da pesquisa aplicada. Sua percepção objetiva era a da inutilidade das controvérsias econômicas que não fossem lastreadas em adequada evidência empírica. Nesse sentido, parece ter sido bastante influenciado pela obra de dois economistas laureados com o Prêmio Nobel: Wassili Leontief e Richard Stone.

Na década de 50, o seu trabalho no Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas levou-o a cuidar diretamente das Contas Nacionais, novidade na época sobre a qual Kerstenetzky se transformou rapidamente no maior especialista brasileiro. Com sua probidade teórica, logo percebeu o que o seu trabalho exigia. Do ponto de vista teórico, a contabilidade nacional nada mais era do que um conjunto de tautologias, e tanto podia ser expressa por um sistema de contas nacionais na linha de Richard Stone, como por uma matriz de relações interindustriais à Leontief, por um sistema de fluxo de fundos, ou por um conjunto de balanços nacionais. O problema não era entender a teoria da contabilidade nacional nas suas linhas gerais, nem a equivalência dos vários modelos de apresentação, mas obter as estatísticas primárias indispensáveis para se construir um sistema confiável de contas sociais.

Por muitos anos Isaac sofreu as frustrações do consumidor que não conseguia as respostas do produtor. Com efeito, as Contas Nacionais eram estimadas pela Fundação Getulio Vargas, equipada para qualquer sofisticação compatível com as estatísticas primárias disponíveis. O ponto de

* Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getulio Vargas.

estrangulamento era a qualidade das estatísticas primárias, produzidas pelo IBGE, que na década de 60 enfrentava uma séria crise de gestão.

Em 1968 João Paulo dos Reis Velloso, então secretário-geral do Ministério do Planejamento (cargo do qual se tornaria titular nos Governos Médici e Geisel), teve a boa idéia de convidá-lo para presidir o IBGE. Lembro-me que na cerimônia de posse, com o seu apego ao trabalho e desprezo pela verbosidade, ele se limitou a discursar durante 20 segundos, citando uma frase de Goethe. Praxe pouco habitual num país onde economistas querem ser poetas — e acabam não produzindo nem economia nem poesia decente — e que bitolaria toda a sua atuação à frente do IBGE: nenhum preconceito político, quer a favor dos governos militares, quer a favor de muitos dos seus colegas de profissão que militavam no campo oposto. Só probidade científica e compromisso com a verdade. E muito esforço, primeiro para reorganizar o Censo de 1970, criar indicadores de produção industrial e uma primeira matriz de relações insumo-produto, além de muitas outras contribuições.

Isaac Kerstenetzky permaneceu à frente do IBGE durante cerca de 11 anos, um recorde num país onde os cargos públicos se tornaram ocupações de alta rotatividade. Publicamente apareceu muito pouco, se é que apareceu alguma vez: sua preocupação era revelar estatisticamente o que acontecia no Brasil, e não projetar sua imagem pessoal. Esses 11 anos revolucionaram o IBGE em matéria de estatística primária. O que os estudiosos brasileiros sabem objetivamente sobre o Brasil é, em boa parte, fruto do seu trabalho.

Demiti-me do Ministério do Planejamento em 10 de agosto de 1979 por motivos sobejamente conhecidos: o ajuste econômico que então me parecia necessário não encontrava nenhum apoio na classe política, nos grupos empresariais nem na opinião pública. Isaac Kerstenetzky saiu do IBGE poucos dias depois. Convidei-o imediatamente a assumir a vice-diretoria da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, cuja diretoria eu havia reassumido. Ele aceitou a função temporariamente, para depois dividir suas atividades letivas entre a EPGE e a PUC, com uma passagem intermediária pela UFRJ.

Saudades, Isaac.